

DISCURSOS DISSONANTES: P.K. PAGE NO BRASIL DO FINAL DOS ANOS 1950

Maria das Graças Salgado (UFRRJ)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo examinar o diário de viagem da poeta, escritora e pintora canadense P.K Page sobre o Brasil de meados do século vinte. Interessa examinar como a poeta via os hábitos e costumes locais da época e, mais especificamente, qual foi sua relação com a língua portuguesa durante o processo de adaptação. Para tanto, me apoio na ideia de diário de viagem como discurso historicamente situado. Tomo como material de análise o diário de Page, *Brazilian Journal*, publicado sob a forma de livro em 1987. Resultados indicam que, embora pareça gostar sinceramente do Brasil, P.K Page, através da ironia e do humor, faz importante crítica social ao país, sobretudo no tocante ao cotidiano e a administração da vida doméstica brasileira.

Palavras-chave: P.K. Page. Diário de viagem. Discurso.

Introdução

A escritora de origem britânica P. K. Page nasceu em 1916 em meio às incertezas da primeira Guerra e morreu em 2010 em meio às incertezas do mundo globalizado. Por circunstâncias pessoais mudou-se para Calgary, Canadá, aos três anos de idade e ficou sendo conhecida como uma poeta canadense. Casou-se jovem com o embaixador Arthur Irwin e rapidamente acostumou-se com andanças pelo mundo. Viagens e mudanças de cenários eram, portanto, aspectos estruturantes de sua trajetória pessoal e artística.

Certo dia, no ano de 1956, Page estava confortavelmente instalada em Lae, Nova Guiné, quando ouviu do marido a notícia de que eles teriam de se mudar para o Brasil. Completamente integrada e ainda embevecida com a natureza tropical da Nova Guiné, reagiu à notícia com perplexidade e desprezo. Chegou a atribuir tal reação à desagradável lembrança das esposas diplomáticas latino-americanas que havia

conhecido em seu país. Aos poucos, todavia, essa primeira reação foi sendo deliciosamente substituída pela agradável lembrança de que no Brasil encontraria, e com muito mais abundância, tudo aquilo que amava em Nova Guiné: o clima tropical, a vegetação, o calor e muito mais (PAGE, 1987, p.1-2).

Essa tomada de consciência muda completamente o estado de espírito da escritora, que passa a ver o novo destino de forma bem mais animadora, como teremos oportunidade de ver.

Diários de viagem podem ser entendidos como discursos específicos que fazem parte dos registros de experiências pessoais associadas ao gênero mais amplo identificado como 'escritas da vida'. Considerando os aspectos autobiográficos ali presentes, eles representam uma possibilidade de conhecer a singularidade da experiência do viajante e suas reações à nova sociedade onde pretende se inserir. Representam, portanto, um instrumento de interação entre o viajante e a cultura dessa nova sociedade.

Explorando o elemento autobiográfico dos diários de viagem enquanto discurso historicamente situado, o objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos do discurso de P.K. Page sobre o Brasil da primeira metade do século XX, a partir do registro de sua experiência de viajante no país, no final dos anos 1950. Nessa direção, algumas questões parecem fundamentais: (i) como Page via os hábitos e costumes locais da época? (ii) que relação estabeleceu com a língua portuguesa durante o processo de adaptação? (iii) que impressões guardou sobre a vida cotidiana no Rio de Janeiro? (iv) como percebia a administração da vida doméstica durante o tempo em que viveu no Brasil?

Desenvolvo a análise com base no livro *Brazilian Journal* escrito por Page trinta anos depois de ter deixado o Brasil, a partir de suas anotações pessoais em seu diário e da correspondência mantida com amigos e familiares.

Os dados sugerem que, embora tenha se apaixonado pelo Brasil, P.K. Page faz importante crítica social ao país, muitas vezes apegada ao recurso da ironia e do humor. Esse discurso é particularmente perceptível em suas descrições sobre o funcionamento da vida doméstica na residência oficial onde vivia com o marido no Rio de Janeiro. Para Page, em certa medida, a casa e sua intrincada rede de relações representa um microcosmo da sociedade brasileira do final dos anos 1950.

1 Discursos autobiográficos

Os estudos sobre autobiografia na modernidade ocidental foram marcados pela publicação do seminal texto de Phillippe Lejeune (1971) sobre o pacto autobiográfico enquanto narrativa contada por uma pessoa real comprometida com a verdade dos fatos a partir da assinatura do nome próprio no título da capa. Ali, o autor pretende delimitar as fronteiras e características da autobiografia como um gênero particular ancorado em referências localizadas além do texto. Essas referências dizem respeito a um mundo pertencente a uma pessoa real, cuja marca mais verificável é a assinatura do nome próprio.

As reações a tal proposição teórica ajudaram a consolidar a autobiografia como disciplina autônoma. Com isso, outras ciências, como a historiografia (particularmente a história oral), a antropologia, a educação, a linguística e a teoria literária se aproximam dos estudos autobiográficos, estabelecendo um diálogo que vem reafirmando cada vez mais o interesse pela chamada *escrita da vida*, a qual abraça vários gêneros, inclusive o diário pessoal.

De acordo com Marcus (2006, p.2), esse quadro favorável à escrita da própria vida teve a contribuição definitiva da crítica feminista, da historiografia negra e dos movimentos sociais das classes trabalhadoras. Sob os efeitos desses movimentos, a produção autobiográfica passa a ser, nos anos 1980, uma maneira de expor os processos de exclusão na construção do cânone literário, mostrando que a tradição autobiográfica pertencia aos chamados 'grandes homens', excluindo as mulheres e determinadas formas de escrita da vida geralmente adotadas por mulheres, como cartas e diários.

A partir dos movimentos liderados pela crítica feminista percebe-se que recontar a própria vida e história necessariamente implica a escrita de outro ou outros. Da mesma maneira, escrever a vida de outro implica uma identificação, explícita ou implícita, do biógrafo com o seu objeto (MARCUS, 2006, p. 273). Seja como for, a autobiografia, como gênero, propicia discussões fundamentais para os estudos discursivos em geral e para o discurso literário, em particular. A tradicional divisão entre fato e ficção, as noções de autoria e sujeito e, sobretudo, o conceito de testemunho como prática discursiva são apenas alguns exemplos que mostram a importância da autobiografia para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, literários, culturais, históricos, entre outros.

No tocante à autobiografia como testemunho, Felman e Laub (1992) privilegiam o papel da linguagem em situação de uso e abordam o testemunho como uma linguagem em curso, que ainda não alcançou entendimento conclusivo. Composto de fragmentos da lembrança inundada por episódios e ocorrências, o testemunho não oferece um relato completo dos eventos, tratando-se, assim, de uma prática discursiva que produz significado a partir de sua recepção (FELMAN; LAUB, 1992, p.5).

O diário de viagem de P.K. Page é um discurso autobiográfico, cujo recorte temporal e geográfico se insere no Brasil - mais especificamente no Rio de Janeiro -, durante os anos de 1957 a 1959. Em sua dimensão discursiva representa um depoimento sobre o tempo e o contexto histórico e sociocultural que testemunhou. É, portanto, um testemunho no qual a escritora fala não apenas de si mas de uma complexa rede de relações envolvida em seu cotidiano de viajante que reflete um contexto sociocultural mais amplo.

Cabe dizer que até o momento não há tradução para o português do diário em questão. As traduções do inglês para o português neste trabalho são de minha responsabilidade.

2 Diário pessoal como discurso

As anotações de 12 de maio de 1957 referentes à visita que Page e o marido haviam feito à São Paulo indicam que são tantas as emoções e sensações experimentadas, que a escritora admite: “Estou perturbada e excitada com o Brasil. Por que? O que significa tudo isso? Será que um lugar altera a pessoa? É como ficar apaixonada – pelo próprio país” (PAGE, 1987, p.46).

Todavia, já em 15 de agosto do mesmo ano, apenas três meses depois da vibração inicial, a escritora descreve com ironia uma festa oferecida pela elite local:

Eles são tão calorosos – os brasileiros – eles lhe tocam, lhe bajulam, lhe beijam, lhe amam. E, claro, lhe esquecem no dia seguinte. [...] Acho que eu poderia gostar da maioria das pessoas – realmente gostar delas – se eu sentisse que jamais teria de vê-las novamente (PAGE, 1987, p. 70).

Elementos de ironia e humor são particularmente perceptíveis em suas descrições sobre dois contextos de experiências específicas: (i) o funcionamento da vida doméstica na residência oficial onde vivia com o marido, no Rio de Janeiro; (ii) sua relação com a língua local.

Como a casa e sua intrincada rede de relações representa em certa medida um micro cosmo da própria sociedade à época, Page dedica um grande espaço da memória à rede de relações estabelecidas no ambiente doméstico da sociedade brasileira. São inúmeras as páginas do diário com descrições e comentários sobre os empregados, tanto de sua casa, como das casas que visitara na condição de embaixatriz.

Podemos imaginar que o funcionamento da residência oficial de um embaixador no Brasil dos anos 1950 tivesse que envolver um complexo contingente de empregados. No caso de Page, esse contingente, embora muito rico em diversidade racial, cultural e linguística tinha suas complicações próprias, o que levava a escritora a sonhar com uma espécie de sistema que fosse capaz de se auto gerir e que a poupasse de qualquer participação direta.

Nós fomos apresentados a uma empregada alemã que fala sete línguas – nenhuma delas a minha. Já estou vendo que ela vai ter que ir embora. Além disso, temos um casal espanhol, Guillermo e Maria, que falam um pouco português; um chofer brasileiro, Nildo, que no momento está morando na garagem com esposa e filhos num espaço planejado para quatro empregados; um jardineiro português, Ricardo; [...] um ajudante de jardineiro negro cor de carvão, Manuel; uma cozinheira da Bahia e sua ajudante negra cor de carvão; e uma lavadeira que tem elefantíase. A forma correta de administrar esse lugar, eu espero, acontecerá por si só. (PAGE, 1987, p. 7).

E em meio a todas as tentativas de fazer com que a vida doméstica corresse normalmente, mais uma vez a língua surge como um fator relevante.

Aí existem as dificuldades de língua. Eu gasto um tempo enorme tentando me comunicar com os empregados e outro tempo quase igual para desenrolar os mal entendidos que criei. “Não compre mais moças jovens,” falo eu para a cozinheira. Horas depois percebo que eu quiz dizer *maçãs verdes*, não moças. (PAGE, 1987, p.13).

As dificuldades da língua são muitas e, no nível geral, afetam a todos. No entanto, algumas pessoas são particularmente tocadas por esse elemento de integração social.

Um garoto negro que empregamos como faxineiro ficou tão afetado por minhas dificuldades com o português, que ficou completamente mudo – capaz apenas de gesticular e apontar. No primeiro dia que ele de fato entendeu mesmo alguma coisa que eu falei, ele entrou numa espécie de catarse vocal, liberando uma grande inundação de suave fala musical (PAGE, 1987, p.16).

Na verdade Page parece completamente tomada pela administração da residência oficial, particularmente pela questão dos empregados.

Eu contrato e demito – escrevo recibos em português para que os

empregados que vão embora assinem. Eles chegam e vão embora, uma população intinerante, movimentando-se lindamente pela minha casa, minha vida, frequentemente deixando caos atrás deles (PAGE, 1987, p.16)

A ocupação intensa desse papel feminino faz Page lamentar o fato de ter de enfrentar uma rotina que parece não ter outra saída. Todavia, com o tempo, já mais capacitada para exercer um olhar crítico sobre a nova sociedade, fica evidente para ela que as questões domésticas e a forma com que essas questões são conduzidas revelam um componente cultural ao qual ela desaprova.

Hoje a casa está cheia de pintores, eletricitas e bombeiros que, em português, significa também pessoal da brigada de incêndio e espões. [...] Esta é uma casa muito pública – em parte porque estamos atropelados pelos operários, mas isso também tem a ver com a vida Brasileira, eu acho (PAGE, 1987, p18).

Ao comparar pelo recurso irônico a brigada de incêndio com espões, Page denuncia e resiste à invasão de privacidade que experiencia. Resiste, portanto, à conhecida dificuldade do brasileiro de distinguir o espaço público do privado, como apontam alguns dos nossos analistas sociais clássicos, a exemplo de Sergio Buarque de Holanda (1983) e Roberto da Matta (1985), para citar apenas estes.

Um componente interessante da complexa rede doméstica que Page tinha de administrar à época revela também um Brasil, onde a elite contava com um número significativo de empregados estrangeiros. Em carta de 2 de março, a escritora parece continuar cansada de contratar e demitir tanta gente, mas não deixa de apreciar a diversidade cultural envolvida naquele processo extenuante.

Uma centena de contratações e demissões. Isso algum dia vai acabar? Nós contratamos um mordomo italiano, Salvador, e sua esposa iugoslava, Mary. Contratamos o beija-mãos russo e sua esposa. [...] A fauna continua interessante (PAGE, 1987, p. 19).

É claro que Page desfrutou bastante daquilo que mais amou no Brasil e no Rio em particular: a fauna e a flora. A paisagem, as plantas e os animais, não apenas a inspiravam em suas várias formas de expressão artística, elas também promoviam um estado de reconciliação com as dificuldades do cotidiano doméstico carioca, cujo funcionamento dependia de um sistema sobre o qual a escritora nem sempre podia controlar.

[...] Depois de um dos piores dias, domesticamente falando, que já passei em toda minha vida, eu saí para comprar flores para a mesa do jantar e alguma coisa se moveu nos galhos altos das plantas. Eu jurei que perdoaria as aporrinhações do dia inteiro, se aquilo fosse um

macaco. E era! Mas a pobre coisinha se balançou para longe de mim e entrou na floresta (PAGE, 1987, p. 20-21).

Parece natural que a primeira preocupação de qualquer viajante com destino a um país estrangeiro seja o aprendizado da nova língua. É fundamentalmente por meio da língua que conduzirá seu processo mais amplo de adaptação à nova sociedade. Caso incomum, observado em outro trabalho (SILVA e SALGADO, 2014), no entanto, diz respeito à experiência linguística do escritor austríaco Stefan Zweig e sua jovem esposa Lotte Zweig. Ao fugirem da perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra, eles escolhem o Brasil como abrigo e, embora tenham amado o país, surpreendentemente, os Zweig demonstravam, não apenas total desinteresse, como rejeição ao nosso velho português, língua do país que o próprio escritor percebia como “um país do futuro”.¹

É claro que estamos falando de situações completamente diferentes, visto que o drama do casal Zweig está inserido em um contexto de exílio forçado, que os força também a abandonar a própria língua. Diferentemente, Page vive um contexto de mudança de país tão somente em função das obrigações diplomáticas do marido. De todo modo, em ambos os casos temos um quadro mais amplo que requer abertura cultural e predisposição interna dos indivíduos à aprendizagem da nova língua e cultura. Diferentemente do quadro de resistência à nova língua protagonizado pelo casal Zweig, que como europeus cultos já dominavam várias línguas, P. K. Page, que aparentemente não falava nenhuma língua estrangeira, foi uma viajante muito preocupada com o tópico, destacando sempre não só a importância do português para o correr da vida no Brasil, mas seu empenho e prazer com o processo de aquisição da língua. Já no que chama de *foretaste* (amostra do que vem a seguir) no *Brazilian Journal*, a escritora aponta as preocupações do casal em aprender ao menos alguma coisa do português, antes da partida para o Brasil.

Durante as semanas que antecederam nós havíamos tentado, sem muito sucesso, [...] aprender os rudimentos do português [...] Eu já me perguntava se conseguiria dominar a língua – Eu que nunca havia dominado adequadamente o francês. (PAGE, 1987, p. 1-2)

¹ Informações mais detalhadas podem ser encontradas em “O que há de errado com o português? O processo de adaptação linguística de Stefan e Lotte Zweig no país do futuro”, artigo de autoria de Eduardo Silva (FCRB) e Maria das Graças Salgado (UFRRJ), que foi apresentado no XIII Congresso da BRASA, em Londres, em agosto de 2014. Espera-se que o artigo seja publicado posteriormente pela BRASA (2015-2016).

Chegando ao Brasil e, uma vez estabelecidos na residência oficial do casal, no Ri, Page se convence cada vez mais da relevância da língua no tocante ao funcionamento da casa que, além de ser a casa da família, era palco também de constantes reuniões voltadas para tomadas de decisões diplomáticas e políticas. Em carta de 17 de março de 1957, destaca o completo sentimento de fragilidade decorrente da falta de domínio do português.

Quão inútil alguém se torna pela falta de uma língua! Eu não apenas falo como um bebê, com um sotaque horrível, mas as coisas que eu realmente digo são muito frequentemente diferentes daquilo que eu queria dizer. Isso confunde os empregados sem parar. Eu dou algumas ordens, e eles dizem, sim, sim, sim. E eu me sinto ótima, no controle de tudo, por cima da carne seca. Depois, nada acontece. (PAGE, 1987, p. 26-7).

Essa aparente sensação de desamparo causada pelo desconhecimento do português, contudo, não prujudica as primeiras impressões positivas sobre o Rio de Janeiro. Page concorda de imediato com os elogios que ouvira acerca da beleza da cidade. Sem a menor sombra de dúvida, o Rio lhe pareceu uma espécie de paraíso tropical, em nada devendo à Nova Guiné que tanto amava. Mas, apesar desse sentimento positivo, nos primeiros dias, quase não aproveitara a exuberante ambiência, pois além de tantas tarefas iniciais, ela se dedicava à aprendizagem da língua local: “pouco fiz desde que chegamos, a não ser desempacotar, inspecionar e tentar fazer as coisas funcionarem. E estudar português”(PAGE, 1987, p. 8).

Além de consciente da relevância da língua como meio de comunicação, Page demonstra curiosidade pelo próprio sistema linguístico do idioma, mas não deixa de criticar, com certa dose de ironia, alguns aspectos da mentalidade e cultura brasileira.

Português é fascinante. Em um país que, para nós, parece dar pouco valor à vida, há pouca diferença entre as palavras “viver”, *morar*, e *morrer*. Até o momento eu não tive capacidade de encontrar qualquer expressão para “que engraçado”, - talvez porque os brasileiros achem tudo engraçado. A gente aprende *muito bom* [...] imediatamente; é usado para se falar de praticamente tudo que não está *muito bem*, ou *muito mau*. E o ubíquo *muito* é falado com tanta emoção, que até os eventos mais comuns tornam-se dramáticos. (PAGE, 1987, p.30)

As descrições de Page revelam, portanto, não apenas interesse real pela novo idioma, tanto no seu aspecto instrumental de uso, como linguístico, mas também grande senso de observação da nova ordem social em que estava inserida. É nesse esquema mental de curiosidade e sentido de observação que ela comenta, por exemplo, as diferenças de uso da língua, a partir do meio utilizado, e as peculiares diferenças de

formas de endereçamento do português.

Interessante as diferenças entre linguagem textual e linguagem falada. Serviçais não são mais *criados* – uma palavra originada da escravidão, quando uma criança pequena era trazida para a casa grande e, em efeito, “criada” ali - mas *empregados*. Mas ao mesmo tempo os empregados ainda são endereçados como *você*, a segunda pessoa, como uma criança ou uma pessoa íntima seriam tratadas, não como *o senhor* ou *a senhora*, a mais formal terceira pessoa. (PAGE, 1987, p.30)

É evidente que, aqui, Page tem como referência sua própria cultura, onde um empregado é normalmente tratado como Senhor ou Senhora, não necessariamente por uma questão de respeito ou por não ter intimidade com as pessoas, mas como uma forma de marcar a distância social entre indivíduos ocupando papéis sociais desiguais.

Por ocasião de sua primeira visita oficial, quando Page e a amiga Henrietta foram recebidas pela esposa de um titular do Gabinete da embaixada canadense, a escritora observa a casa e a ambiência social com muito detalhe, e faz questão de explicitar particular reserva ao ritual de despedida

Quando eu apertei suas mãos, nossa anfitriã me deu o tipo de puxão que precede um beijo. Despreparada, minha mente rejeitou a possibilidade e meu corpo o puxão. Com Henrietta, que também não a conhecia, mas era velha conhecida dos modos brasileiros, o beijo foi trocado. Isso também é língua. [...] (PAGE, 1987, p.30)

Novamente, Page está contrapondo dados culturais do Brasil com aqueles de seu país de origem, onde a aproximação física entre estranhos não é nem realizada com frequência, nem desejada.

Observa-se, portanto, que o envolvimento de Page com a questão da língua, de fato ultrapassa a fronteira das situações domésticas prejudicadas pela falta de domínio do português. Durante sua primeira visita oficial a São Paulo, por exemplo, Page e o Embaixador Arthur Irwin visitam uma escola dirigida por religiosos canadenses, onde a escritora faz questão de destacar a importância da ocasião. Além de valorizar a ocasião porque o marido proferiria seus primeiros discursos em português, ela se mostra extremamente atenta às sutilezas da língua no cancioneiro popular.

No primeiro dia nós fomos ver a escola dirigida pelos Padres Canadenses da Santa Cruz. Eu fui presenteada com um enorme buquê de flores por uma criança minúscula, e A. fez seu primeiro discurso em português. As crianças cantaram “Oh Canadá” e “Alouette” – *Gentee Alouettee* soou muito engraçado. Para o final, duas criaturinhas sambaram ao som do sucesso do carnaval daquele ano, “Eu vou”. É uma canção deliciosa sobre um homem que está decidido a ir para Maracangalha, venha o que vier. *Se Anália não quiser ir, eu vou só*. “Quiser”, se desejar – o futuro condicional em uma canção popular!

(PAGE, 1987, p.42).

O interesse de Page pela nova língua é amplo a ponto de conduzi-la também por instâncias culturais mais sutis reveladas pela língua, como o complicado contexto das piadas, charadas e expressões idiomáticas.

Existe uma frase usada aqui – *amigo da onça*, [...] significando alguém que não é seu amigo. Ouvi sobre sua origem hoje. Um homem disse para outro, “o que você faria se fosse perseguido por uma onça?” “Por que? Eu correria, é claro.” “E se a onça fosse para cima de você?” “Por que? Eu subiria em uma árvore.” “E se a onça subisse na árvore atrás de você?” “Escuta aqui, quem é você, afinal de contas? Você é meu amigo ou amigo da onça?” (PAGE, 1987, p.59).

Ainda nessa mesma visita a São Paulo, Page continua orgulhosa do desempenho linguístico do marido, fazendo questão de contrapor sua abertura cultural à falta de boa vontade de alguns embaixadores de outras nacionalidades no processo de integração ao país.

No dia seguinte A. fez três discursos em português – o primeiro, na Câmara dos Deputados. Me disseram que havia muitos deputados nos corredores quando ele começou e alguns na Câmara estavam conversando ou lendo, mas quando ouviram português, aqueles nos corredores voltaram para ouvir o discurso. O adido falou que recentemente existiram quatro embaixadores por aqui, e que A. foi o único a usar o português. O japonês falou em japonês! (PAGE, 1987, p.42).

O esforço da escritora em aprender o português inclui também a atividade da leitura, a qual nem sempre levava adiante. Todavia, essa difícil equação não a desencoraja a ler sobre o pintor que mais admirou no Brasil.

Estou lutando para ler um livro sobre Portinari em Português – mais difícil do que o livro de Du Maurier, que o tédio me forçou a abandonar, e mais interessante. Que homem extraordinário! [...] Suas pinturas e desenhos de crianças brincando em Brodowski são infinitamente mais comoventes do que os grandes painéis representando o sofrimento de trabalhadores. Aquelas criancinhas correndo na vastidão do espaço, espalhadas como grãos, penetram em mim como agulhas (PAGE, 1987, p. 55-56).

Para concluir gostaria de reafirmar o caráter dissonante do discurso da poeta P.K. Page sobre o Brasil, país com quem teve uma relação de encantamento genuíno, perceptível sobretudo pelo seu empenho e interesse pela língua portuguesa, mas ao mesmo tempo muito crítica das práticas sociais brasileiras, percebida especialmente em seu relato sobre o espaço doméstico como uma rede de relações representativa do sistema hierarquizado e caótico da própria sociedade brasileira da segunda metade do

século vinte.

Referências

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FELMAN, Shoshana; LAUB, Dori. *Testimony*. London: Routledge, 1992.

HOLANDA, Sergio Buarque de. O Homem Cordial. In: *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983 [1. ed. 1953].

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1986.

MARCUS, Laura. *Autobiographical discourses: theory, criticism, practice*. Manchester: Manchester University Press, 2006.

PAGE, Patricia Kathleen. *Brazilian Journal*. Toronto: Lester & Orpen Dennys, 1987.